

O recuo em todos os lugares: sonho de liberdade em circum-inscrição e um acontecimento poético-apropriativo em Os jardins e a noite, de Vicente Franz Cecim

Adonai da Silva de Medeiros¹

“Espero a volta da ave. E enquanto espero isso escuto as vozes
As vozes da terra vêm de longe. Para ouvi-las basta se
deixar
ficar, não ir embora nunca. Eu fico. O vento trará todas elas”
(CECIM, 2020b, p. 116)

Andar entre-lugares (ou, considerações iniciais)

Nos *Manifestos Curau* de 1983, 2003 e 2009, Vicente Franz Cecim lança, como sumo para a emergência do homem da região amazônica, um projeto no qual identifica a possibilidade de liberdade destes pela união entre História e Imaginário: “Nossa História só terá realidade *quando o nosso imaginário a refizer, a nosso favor*” (CECIM, s/d, p. 10, *grifo do autor*).

História e Imaginário, assim, conduzem a um ver-acontecer que surpreende e compreende o humano enquanto *Umanoh*. É nos livros visíveis de Andara, e sua ação de recuar, que nosso *olho nativo* se torna desperto, pois esse ato de *recuar* gesta uma (dupla) ação originária que mobiliza uma outra: adentrar em Andara enquanto ela nos busca porque nela nos buscamos.

Como *lugar nenhum*, permitindo infinitas viagens, procuraremos adentrá-la² por um modo também duplo: circum-inscrição, ato de circular um círculo traçado-revelado. Neste sentido, o objetivo deste artigo é compreender a circum-inscrição como esperança de libertação e modo de despertar o nosso olho nativo (que nasce pela e na região-metáfora) no diálogo com o livro visível *Os jardins e a noite*, de Vicente Franz Cecim (2020b), a qual os produzem como um acontecimento poético-apropriativo, promovido nas histórias contadas pelo *vento*.

Nosso texto é composto em duas partes. Na primeira busco mostrar, em diálogo com algumas colocações de Cecim a respeito da *Viagem a Andara*, como a circum-inscrição se dá enquanto um modo de leitura que busca compreender a obra a partir do homem em procura.

¹ Possui Graduação em Letras – Língua portuguesa pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Atuou como Monitor bolsista nas disciplinas de Estudos literários da referida instituição. Possui Mestrado em Letras/Estudos literários, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (PPGL/UFGA), com bolsa de fomento à pesquisa concedida pelo PROEX da CAPES. E-mail: adonai.medeiros18@gmail.com.

² Ao longo deste texto utilizaremos a primeira pessoa ora no plural, porque então, leitores, somos as diferenças providas do Um, ora no singular, porque então sou um outro de mim mesmo.

Opto por utilizar uma linguagem mais formal e acadêmica. Na segunda parte, sigo duas histórias para mostrar o curso e o motivo pelo qual o cego Jacinto diz que se deve pedir a volta do Curau e como o imaginário liberta o homem e/em sua história. A este ponto, se assim nos permitirem essa licença, opto por uma linguagem mais flexível e maleável do ponto de vista formal, com um tom ensaístico, procurando elaborá-la para que se possa deixar que a obra vigore também na própria maneira de dizer e de construir imagens-metáforas da região em que se manifesta.

As duas histórias da segunda parte são: da mãe (e sua filha, a herdeira) que se transforma em ave na noite; e de um filho cujo nascimento prometia trazer alegria. Este artigo também visa continuar a tessitura do início de um pensamento sobre um acontecimento poético-apropriativo instaurado no/pelo imaginário deste lugar cultural amazônico³.

I

Vida em apropriação do humano em Andara e o método de circum-inscrição

Queremos começar esta seção dizendo que por “método” não estamos pensando na acepção moderna que este termo designa, isto é, um sistema de procedimentos e técnicas que, por determinados instrumentos, visam dar suporte para a pesquisa científica.

Buscamos alcançar algo mais originário e radical ao pensarmos “método”⁴ como um caminho através do qual, nos colocando entre a obra e as questões que se operam nela e a vigoram, possamos nos aproximar de sua propriedade. Essa aproximação nos leva ao próprio da viagem – convocando-nos a caminhar ao fundo sem-fim do horizonte entre-aberto pela obra de arte –, à procura que nos conduz ao nosso modo próprio de ser, essenciando-nos⁵.

Desta forma, o acontecimento da obra nos abre caminhos diferentes provindos do Uno, resguardando-nos a possibilidade de sermos e buscarmos, junto a ela, o que nos é próprio: nosso caminho de *ser-nos sendo*. É isto o que acontece e nos convoca em Andara.

A desvelação de Andara – metáfora-imagem da Amazônia, região que é algo específico e, ao mesmo tempo, o “emaranhado inteiro” (CECIM, 2020b, p. 112), um não-lugar/lugar

³ Constam desta lavra inicial algumas comunicações feitas em eventos. De artigos, até o momento de confecção deste texto, tenho publicado o seguinte trabalho: Dois irmãos *em três tempos: mito, história e circum-inscrição*. Link para o artigo: <https://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/207121>.

⁴ Estamos jogando, pois, com o sentido originário dos termos que compõem a palavra “método”, derivada do grego: *meta*, que significa “entre” e “através de”, e *hodos*, “caminho”.

⁵ Verbalizamos o substantivo “essência” para não emitirmos noção de algo estanque, visto que em “essência” o que se mostra é o *esse*, verbo latino que significa “ser”, o que nos essencia quando o cuidamos e o procuramos, e o ser é uma questão inexaurível, “movimentante” o tempo todo, que nos permite o movimento de sermos.

nenhum que nos chama a andar, continuamente, sem demarcação de tempo-espço – nos permitiu atravessar a fronteira do sertão rosiano até ela por meio de seu *labirantro*/labirinto, um caminho pelo qual o Um do Umanoh se mostra em um caminhar errante e à deriva:

A estranha ave que cega os homens. Não proteja os seus olhos. A liberdade é uma noite escura?

Mais uma vez, bichos e homens

O labirantro [*sic*].

Ele é Andara. Andara é onde Santa Maria do Grão começou, como se verá agora nestes jardins, fazendo a floresta se abrir, recuar, e é por Andara que a floresta está voltando (CECIM, 2020b, p. 71)⁶.

Esta é a imagem-metáfora, o *labirantro*, que nos possibilita continuar caminhando pela circum-inscrição. Circum-inscrição significa aprofundar-se no sendo que se é ao adentrar no círculo realizado, mas sempre aberto à viagem, narrando-se para tornar possível, descamando o acontecido, retirando-se do instituído, o acontecimento do homem pelo agir do Umanoh – a Unidade que se desvela no homem-linguagem ao lançar “para trás da palavra esse H inútil, vazio, aspirado, para libertar o Um, o Uno: a abertura para o Ser” (CECIM, 2020a, p. 11) –, tomando a humanidade do homem, pelo trans-torno de um imaginar, no que se é e o realiza.

Uma breve consideração faz-se necessária para esclarecermos este “trans-torno”. Em minha dissertação de mestrado (*Um pobre menino do destino – a travessia do homem humano como acontecimento poético-apropriativo em Grande sertão: Veredas*), realizei a construção do que chamei de categorias-questões, são elas: a já mencionada circum-inscrição, o trans-torno e a apreensão-dos-afetos. Não as construí com o intuito de aplicá-las no romance rosiano ou em qualquer outra obra, pois elas acontecem, em diálogo com a obra, quando o homem humano assume seu destino de ser uma procura, isto é, o abrir da possibilidade de ser e buscar, ao questionar, o que não sabe e que se realiza no tempo humano, o tempo de ser a própria procura.

Assim é que o acontecimento da circum-inscrição reclama ao acontecer do trans-torno. Ele nos adveio do léxico a seguir: “Abalado desse tanto, *transtornei um imaginar*. Só não quis arrependimento: porque aquilo sempre era começo (ROSA, 2015, p. 125, *grifo nosso*). O trans-torno quer dizer: o ato de lavrar o que somos torneando, vertendo-nos, o que de nós

⁶ A composição dos livros visíveis de Andara é inquieta. Onde, segundo a norma gramatical, haveria de ter um ponto parágrafo, não há; as frases se quebram, ou se quedam, em momentos imprevisíveis, ou mesmo começam/terminam também imprevisivelmente; as margens do livro não são capazes de sustentar e as palavras surgem onde se querem surgir. Não cabe mencionar todas as intempestividades que acontecem nos livros. Todas elas produzem sentido e significados diversos. Desta forma, sempre que possível, iremos respeitá-las, combinando com as normas exigidas para confecção do artigo.

sabemos para alcançar, através do imaginar (o que permite ao homem *ser-se a/nesta* procura), o *não* que somos, o que é revelado em nosso sonho ao sermos circum-inscrito pela procura que realizamos. Ela é uma forma olharmos a vida com olhos despertos e dentro de si mesma.

Pela imaginação que é elaborada circularmente no trans-torno, quando então o homem faz de si uma imagem/máscara – uma personagem, lembrando-nos da etimologia desta – que é a todo instante construída e destruída, o mesmo homem volta a se pôr no sonho de retornar a ser um Serdespanto, um ser que se mantém despertado face a um mundo instituído que quer sepultar as diferenças e a região, como nos diz Cecim:

O homem é coisa que vive para dentro e para fora de si – fui entendendo através da *Viagem* [a Andara]. Para fora, ele é o Ente: o Espanto que a civilização quer domar. Para dentro, ele É o Ser: o Puro Espanto de Ser, não domável. A *Viagem a Andara* caminha assim: desperta para essa vida em Ente e se sonhando em miragens de sermos que nos libertem para Sermos plenamente, o que já somos, mas encarcerados (CECIM, 2020a, p. 10, *grifo do autor*).

Retomemos à circum-inscrição. Por círculo realizado queremos dizer a obra (de arte) construída (que com cresce/erige junto aos leitores) e visível, porém nunca encerrada, de vez que o ato de circular o círculo não se encerra e ela não para de acontecer. É isto a circum-inscrição, e o motivo pelo qual dissemos que não a usamos como “método de aplicação” se mostra no *Manifesto Curau/Flagrados em delito contra a Noite*, no qual Cecim diz que,

Em sua outra geografia, como nenhum outro, Guimarães Rosa soube fazer o encontro revelador do seu destino individual com o destino da sua região, e, mais ainda, soube transformar esta região numa metáfora de toda a vida. Nele, em todos os seus livros-salmos, livros-santos, livros-rituais de iniciação na existência, falam *mitologias pessoais*. E falam também *as mitologias da sua região*. Nele, Riobaldo é um homem e é os homens, qualquer um de nós e todos nós, e é também Guimarães Rosa. Nesse Guimarães Rosa, o Sertão é um sertão e é mais do que aquela região lá, geograficamente fixada num ponto qualquer da costa do planeta (CECIM, s/d, p. 09, *grifos do autor*).

Daí se compreender, por exemplo, as histórias contadas pelo vento e o respectivo livro visível que as contêm, os romances *Grande sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa (2015), e *Dois irmãos*, de Milton Hatoum (2006), a “Deslenda narcísica do Boto V”⁷, poema contido

⁷ No referido poema escutamos o Boto, ser mitológico da Amazônia, pensando e questionando sobre seu modo de ser-no-mundo: um mito que nasceu na linguagem e que se mantém vivo pelas palavras desta ecoadas no tempo e no imaginário amazônico. Nele se tem um ser de procura, aberto ao nada de si no reflexo/cisão no rio, e um ser que é a nós mesmos. Eis um trecho do poema: “A imagem de meu rosto cai/ – pedra nas águas –/ e círculos/ nascem de outros círculos,/ escadaria de vozes para o eterno./ Círculos crescentes/ do umbigo dessas águas,/ na preamar que inunda minha alma/ imantada de lua./ E captar as coisas flutuantes/ (Oh! existência...)/ ao mergulhar ao fundo neste rio,/ sem na beleza das águas consumir-me/ exaurir-me/ ir-me/ ir/ ...” (LOUREIRO, 2015, p. 137-138).

em *Deslendario*, de Paes Loureiro (2015), como círculos narrativos cujos narradores (o cego Jacinto em Cecim, Riobaldo em Rosa, Nael em Hatoum e o Boto em Paes Loureiro) realizam a circum-inscrição para conduzirem-se às (*ad-*) suas propriedades (*prorius*) e apropriarem-se.

Nas narrativas (no sentido de um nascimento que acontece nas obras de artes, sejam elas literárias ou não, em prosa ou em verso), é a Vida, agindo, que se quer no homem, e o homem, vivendo (a) vida, é a viagem na qual o próprio de si se dirige a si mesmo, de modo que ela, a Viagem, torna manifesta a possibilidade de se relacionar com esta propriedade (que é ao mesmo tempo sua e de todos os homens, de todos os lugares e regiões) pelo ato de viajar. A isto dissemos: acontecimento poético-apropriativo⁸, que “é o acontecimento da apropriação, dizer o que há de mais próprio” (HEIDEGGER, 2013, p. 183), a Vida “que viaja em mim”, de forma que, enquanto ela em mim age, “escrevo para me ver nela vivendo” (CECIM, 2020a, p. 09). É neste acontecimento poético-apropriativo que nos circum-inscreveremos: o recuar de Andara.

II

O acontecer humano – a história e o imaginário

É isso então o *labirantro*: Serdespanto de uma procura que nos quer, vislumbres de uma possibilidade desvelada em nós, a escuridão que convoca a luz a porejá-la, o mistério no qual, em se adentrando e buscando, se perde ao se encontrar:

Andara busca o homem além de si, fora de si: no
Umanoh.
O homem precisa se deixar cair do ponto insustentável
onde se instalou para ter o direito de adquirir
asas. Será durante a sua queda que irá
descobrir sua leveza possível (CECIM, 2020a, p. 6)

O homem precisa se retirar da história que está aí forjada e instituída, que o aprisiona e que, mesmo quando parece ter se libertado, na tentativa de se rebelar a ela, acaba por refazer o

⁸ “Acontecimento poético-apropriativo” foi pensado em diálogo com a ideia heideggeriana de *Ereignis*, que Marco Casanova traduz como “acontecimento apropriativo”. Digo “pensado em diálogo” porque não sigo restritamente a Heidegger, pois para este o *Ereignis* quer dizer o inicial do ser no acontecimento de sua inicialidade. Para nós, mais do que isso, partindo do pensamento de que não podemos falar do Ser senão a partir de sua manifestação no sendo (nas coisas e no homem), é na e pela linguagem que o homem assume sua posição de ser do entre, de maneira que, fazendo de sua linguagem escuta do desvelamento do ser (até aqui consta o ponto principal do diálogo), se pode alcançar o vislumbre do fenômeno ele mesmo pelo e no imaginário, mas que não cabe nos limites da linguagem do ente, restando a eterna procura e a tentativa de dizer, voltando ao imaginário, local onde se desvela.

mesmo jogo. Neste caso, o aprisionamento é duplo: do dominador e do dominado que, em sua tentativa, se ata na trama daquele, o que soltou as correntes e lhe deu uma liberdade ilusória.

Mas em Andara existe uma ave. Jacinto a chamou de Curau, a primeira palavra que lhe veio à boca quando a viu pela primeira vez, em seu surgimento (Cf. CECIM, 2020b, p. 76). Um Curau quer cegar os olhos dos homens, dos adultos, das crianças não. “Se os adultos não tivessem medo, as crianças também não teriam medo da ave” (CECIM, 2020b, p. 77), pois “Um Curau nunca ataca, nunca faz mal a uma criança” (CECIM, 2020b, p. 78). A criança é livre porque imaginativamente criativa. Ela enxerga com os olhos limpos, vazios, e tudo então se cria. Ela é o que, no homem, não deixa de sonhar, sonhando-o. Ela é que, no homem, sonhando, não para de crescer, e continua questionando, aprendendo de olhos limpos e despertos.

Um Curau quer cegar os olhos dos homens para tirar deles a ilusão de que, na vida, “só o que se vê de olhos abertos é real, e espelho falso tudo o que nos aparece quando se fecha os olhos” (CECIM, 2020b, p. 76). É isto: uma ilusão criada por quem tem medo real do poder insurrecto do imaginário. Um Curau quer cegar os olhos da história do colonizador que foi transplantado no homem da região, quer cegar os olhos que “Olham para fora da vida” (CECIM, 2020b, p. 80), cegando-o de seu imaginário. Um Curau quer desterritorializar o homem.

A história de um homem é, em seu acontecimento, o ver acontecer que se manifesta pelo imaginário da região. E este imaginário, Ó Serdespanto, é uma *coisa à noite*, é uma coisa *na* noite, e a noite, como se deve pedir ao Curau que nos mostre, é o que eu sei nós somos: “Me faz, Curau, cair/ para dentro da noite que eu que sou/ para que tudo mude/ para que eu volte a ter gosto pela vida/ Curau” (CECIM, 2020b, p. 78).

A história não é nunca um passado, o que já passou, cadeia de eventos históricos ocorridos em tal data e em tal lugar. História é a realidade pela qual os homens podem se assumir e se realizar no que lhes são próprios, no que os diferenciam a partir do Um. O que permite diferenças, por vislumbres e espanto quando em relação com o Um, é o imaginário, aquele que, na noite, na qual a liberdade se destina no homem – “A liberdade é uma noite escura” (CECIM, 2020b, p. 71)? –, abrindo ao homem a si mesmo, permite-nos ser esta noite que somos.

Em sua origem, dois termos gregos se entrecruzam em “história”: *históreo*, que quer dizer “ser testemunha”, e *hístor*, “aquele que sabe por ter visto ou aprendido” (CASTRO, 1982, p. 38). Quem nos conta as histórias contadas pelo vento é uma testemunha. Seu nome já dissemos: Jacinto. “O homem estava lá. Cego” (CECIM, 2020b, p. 75). Um Curau o cegou.

Ele foi testemunha da vindo do Curau. Viu o medo (ilusório) nos olhos dos homens. Ele então aprendeu e viu: foi testemunha de como a história pode ser assumida em sua tarefa humana, pois “História é o desabrochar de um povo em sua tarefa histórica, enquanto um adentrar no que lhe foi entre-doadado para realizar” (HEIDEGGER, 2010, p. 197), um adentrar pelo imaginário. É isto.

É isto o imaginário. “Uma espécie de murmurador na noite./ É isso a imaginação/ Ela vem. Não se sabe bem de onde” (CECIM, 2020b, p. 73). Mais ainda: “O imaginário [...] é o clavenário das chaves desse relicário da dimensão poética do ser” (LOUREIRO, 2000, p. 317) que abre o milagre de sermos: Jacinto = agora (já) sinto; ou então, o olhar e o farol da noite no céu (Jaci-, *yaci* = lua). Tentemos um pouco mais: pensemos que “o imaginário descalça as luvas esburacadas da/ noite para costurá-las” (LOUREIRO, 2008, p. 134). O imaginário não apenas poreja o escuro-mistério de ser, Espanto: ele poreja a partir do escuro, pois é de lá também, no escuro, Ó Serdespanto, que os olhos do Uni-verso, as estrelas explodindo, cintilam para nós.

Memória – o Umanoh em acontecimento (duas histórias em se reecoando: a mãe e a herdeira e o eterno recém-nascido ainda espera)

O imaginário de uma região é o seu acontecimento poético-apropriativo, porquanto que este quer deixar soar o assumir-se para o destino de um agir que conduz o homem para uma relação originária e que essência o próprio de cada um, diferenças que nutrem ao e ramificam-se a partir do Umanoh. Andara é que fez “a floresta [*em Santa Maria do Grão*] se abrir, recuar, e é por Andara que a floresta está voltando./ Toda essa criança aí” (CECIM, 2020b, p. 71). A criança: o que produz e ergue, o que cresce desmesuradamente, o que cresce para não ter cabimento. Recuar, dissemos: adentrar em Andara enquanto ela nos busca porque nela nos buscamos. Todavia devemos escutar mais: recuar – reecoar. Tudo em Andara é eco de um eco sendo reecoado⁹, recuado para onde veio enquanto não deixa de avançar e se disseminar.

As histórias contadas pelo vento são contadas no ouvido do cego Jacinto. Ele é quem as escuta. E ele é quem nos conta. Isso é recuar e reecoar: escutar para contar, contar a quem se quer pôr como testemunha e com isso aprender, e (re)contar para voltar a (re)escutar. Esse fluxo faz com que as histórias permaneçam no lugar de onde vieram. Na memória.

⁹ Aproveito este momento para agradecer ao professor Luís Heleno Montoril del Castillo por esta chave de leitura dos livros visíveis de Andara, que está sendo aprendida, pensada e mostrada já em sua primeira maneira de ser.

A memória.
É ela outra vez. Mas é a memória de um outro nesta voz que vem falar a Jacinto,
e vem no vento (CECIM, 2020, p. 102)

Esta memória é a criança que sonha no adulto. Mas ocorre algo de terrível: a criança tem seu sonho sufocado no adulto. Pior ainda: o adulto não enxerga sua criança sonhando, não a reconhece, e espera dela qualquer sinal – “Um rumor, um vidro se quebra/ Os desastres, os dias. Não é isso a alegria” (CECIM, 2020b, p. 102) –, quando ele é quem deveria ser um sinal do sonho da criança. A história do eterno recém-nascido vem a nos mostrar isso:

– Quando nosso irmão nasceu o relógio da sala parou. Eu lembro
Aquele ficou sendo a hora marcada.
Eu lembro
Nosso pai disse, Dele, deste filho que nasce de mim um dia virá a alegria. Disse isso e empalidecendo, de repente mais velho, se afastou, se arrastou para o seu quarto e tem se mantido mudo deste então,
uma outra máquina quebrada nesta casa.
Aquele pai (CECIM, 2020b, p. 102).
Nosso pai disse aquilo. E agora estamos à espera da alegria.
E esta espera vai nos tornando assustados. Tudo é um espanto. É essa espera (CECIM, 2020b, p. 102)
o menino continua no lugar de onde veio. E por isso eu fico aqui também parada, na sala. E olho o relógio (CECIM, 2020b, p. 103).

Na maquinação do mundo, em que tudo deve ter uma função e um valor, o homem que nada produz (no sentido capitalista desta palavra tão preciosa) não tem serventia. Aquele pai, junto do relógio, onde a se fazer como máquina quebrada a filha fica parada, assustada e esperando, se deixa ser transformado em uma outra máquina quebrada na casa.

Se o filho dele é nascido, pensando então que a vida é gerada por ele, não o oposto, a alegria, o que pro-duz (sim, conduzir, *ducere*, para adiante, *pro*:- o homem face a si mesmo) e fecunda o sonho de sermos livres, não crescerá. Ela terá de caber na eterna espera, um ser de espanto que teve seu espanto de ser podado: “Eu sei./ Nossa alegria virá quando ele começar a crescer” (CECIM, 2020b, p. 103). A criança ainda é (a) floresta, sempre fértil, mas escura e densa em sua animosidade de ser resguarda em si mesma, por onde Andara recua. Ela se mantém na origem, no *Distante*, na Vida que produz o nosso viver, na Viagem que produz nossa travessia: “Só olhava para nós, distante. O Distante. Estava lá entre nós e não estava. Era como se continuasse no lugar de onde veio” (CECIM, 2020b, p. 102). Memória – o originário na voz:

Nova voz está chegando, entra pela janela. O cego ouve
Isto não acaba. Não acaba?

Mas uma vez.
A infância não tem fim (CECIM, 2020b, p. 90)

Coisa diferente acontece quando o adulto mantém sua criança alimentada, livre em si mesma, em casa: “Na casa mora uma mulher. Já não há homem ali, mas ficou uma menina, a filha, e come tudo o que lhe cai do alto” (CECIM, 2020b, p. 90). A mãe preserva a memória de criança. A mãe, que tem uma bela pena negra brilhante, é “uma ave. E caça ao luar” (CECIM, 2020b, p. 91), quando então o olhar, o farol da noite, ilumina Santa Maria do Grão. A filha é a herdeira da mãe, que todas “as noites sai”, não se sabe para onde, e volta ao amanhecer, trazendo comida para a filha, que “come o que lhe cai do alto” (CECIM, 2020b, p. 91).

A filha fica em casa. Fica? Pela memória, o Um que une os diferentes, o tempo que une as épocas e também a morte e vida, a herdeira viaja junto da mãe: “enquanto a mãe voa pelas ruas à noite e ela fica, fecha os olhos e assim está vendo a mulher voar” (CECIM, 2020b, p. 91). Porém as “crianças têm medos reais” (CECIM, 2020b, p. 77), e a filha herdeira tem medo, pois o “rosto da mulher tem começado a anunciar a morte”, e “Ela vai se cansando de estar viva, diz a menina no quarto um dia olhando para o espelho” (CECIM, 2020b, p. 91). A menina repete que *ela vai se cansando de estar viva*, contudo o espelho que olha já não é o de vidro, quebrável, mas o “rosto da mãe adormecida, uma tarde” (CECIM, 2020b, p. 91). A mãe é o reflexo – o porvir que na filha herdeira se destina –, bem como cisão – o brilho que na pena ia se apagando.

Um fim estava sendo anunciado. No entanto “Princípio e fim se reúnem na circunferência do círculo” (HERÁCLITO, 1991, p. 87). Andara recua deixando em um *continuum* reecoar o que o Serdespanto é. O medo veio, e na hora do jantar se foi, aconteceu poética-apropriativamente uma circum-inscrição: na cisão da pena da mãe que perdia seu brilho, o brilho na filha nasceu, a pena negra, brilhante, que o sol ilumina. No espelho não havia mais cisão, o reflexo da mãe voltou em si mesma, o círculo convidando a circulá-lo.

Levantou, foi olhar no espelho [...] Era um início. Nela também nascia

Voltou para a mesa. E comeu com uma fome que também voltava. Olhava a mãe sentada como sempre de lado e sentou também de lado. A herdeira. E disse baixinho eu e ria (CECIM, 2020, p. 92).

Ainda andar (ou, considerações finais)

Andara é uma utopia: um lugar nenhum. É este *não-lugar* que constantemente nos olha e nos permite sonhar recuando e reecoando. *Estou aqui. Cego. Aqui é todos os lugares*, repete o cego Jacinto em *Os jardins e a noite*. É na floresta que a ave Curau surge, e é na noite que somos que ela quer nos deixar viger: sermos nós mesmos. Ainda é possível sonharmos a utopia.

Se o sonho-projeto utópico de Cecim nos manifestos é afastado constantemente pela realidade instituída, não caberia a nós, críticos-interpretas, manter vislumbres deste sonho em Amazônia-Andara, ou ser um *Bu, um fantasma*, um Jacinto na janela, deixando viger e tornando visível no horizonte de nossa existência a procura e o caminho para nos apropriarmos e tornarmos *nossa História em realidade*, sonhada no *Imaginário de nossa região*?

REFERÊNCIAS

CASTRO, Manuel Antônio de. **O acontecer poético** – A história literária. Rio de Janeiro: Antares, 1982.

CECIM, Vicente Franz. **Manifestos Curau**. s/d. Disponível em: http://www.culturapara.art.br/Literatura/vicentececim/manifesto_Curau.pdf. Acesso em: 07 abr. 2022.

_____. Dom fugaz/O Ato de Criar e o Se Sonhar Existir em Andara. In: CECIM, Vicente Franz. **Viagem a Andara Oo livro invisível**. Belém: Paka-Tatu, 2020a. p. 06-12.

_____. Os jardins e a noite. In: CECIM, Vicente Franz. **Viagem a Andara Oo livro invisível**. Belém: Paka-Tatu, 2020b. p. 70-125.

HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. 21. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HEIDEGGER, Martin. **A origem da obra de arte**. Trad. Idalina Azevedo da Silva e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010.

HEIDEGGER, Martin. **O acontecimento apropriativo**. Trad. Marco Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

HERÁCLITO. Fragmento 103. *In: Os pensadores originários* – Anaximandro, Parmênides, Heráclito. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes, 1991, p. 87.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. Mitopoéticas e imaginário. *In: LOUREIRO, João de Jesus Paes. Obras reunidas* – vol. 3 teatro e ensaios. São Paulo: Escritura Editora, 2000. p. 317-325.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. Deslendário. *In: LOUREIRO, João de Jesus Paes. Cantares Amazônicos*. 4. ed. Belém: Cultural Brasil, 2015. p. 105-219.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: Veredas*. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.